

AVENÇA

A REGENERAÇÃO

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendelro
Composição, impressão e Redacção na
Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

Amizade secular e imperecível

NÃO é um facto banal, mas antes revestido da mais alta transcendência e do mais profundo significado, a gentileza que a Espanha, nação amiga e irmã, teve para conosco, querendo tomar parte nas nossas comemorações centenárias e enviando-nos uma exposição interessantíssima, em que fulguram as mais belas e notáveis recordações de Portugal existentes nessa Espanha magnífica que, é toda ela um grande e admirável museu.

A amizade luso-espanhola tem neste facto mais um grande e apertado laço.

Olhando a linda Exposição do Claustro dos Jerónimos nós sentimos mais e melhor que, a irmandade entre Portugal e Espanha tem um carácter profundo que não depende das méras e acidentais conveniências de momento.

E compreende-se de resto que assim seja e em tudo e por tudo se evidencia. Embora duas nações independentes, duas nações que nunca foi possível confundir, que sentiram e sofreram as culminâncias da separação na hora errada em que a Monarquia dualista as quiz juntar, sujeitas à mesma corôa, comandadas pelo mesmo ceptro — Portugal e Espanha, são duas pátrias irmãs, filhas da mesma raça, obreiras da mesma Civilização, senhoras da mesma gloriosa missão — a grande vocação atlantica que deu ao mundo novos mundos e foi pela Terra fora levar a Cruz de Cristo e o nome de Deus.

Se tanto em Portugal como em Espanha se não pode deixar de reconhecer que foi sempre impossível abolir fronteiras, não é possível, também, deixar de reconhecer que o génio português e o génio espanhol, muita vez se confundiam, irmanando-se e criando esse admirável e inegalável génio peninsular que, sendo embora de profunda e extraordinária projecção extra-europeia, foi no Mundo o melhor e mais esforçado propagandista do espirito europeu.

Ora tudo isto ressalta, vive e afigura-se da forma mais esplendorosa na Exposição das recordações portuguesas em Espanha.

Ele é a lembrança dos grandes portugueses que foram grandes em Espanha, das nossas infantas e princesas que tomaram assento no trono de Isabel — a Católica, das infantas e princesas espanholas que foram rainhas de Portugal, que vieram partilhar com os nossos Reis da Glória de Governar esta Pátria, senhora de tamanhos e tão admiráveis destinos.

Tivemos sempre no mundo uma missão idêntica, uma missão profundamente criadora, sob os mais variados aspectos.

E se a história de ambas as nações o não dissesse tão alta e eloquentemente, aí estava a exposição do claustro dos Jerónimos, para proclamar não apenas ao povo português, mas a todo o Mundo na afirmação duma realidade imperecível: a profunda e secular irmandade entre Portugal e Espanha.

Conselho Municipal

«O Barreiro»

Reuniu no dia dois do corrente, pelas 14 horas, o Conselho Municipal sob a presidência do sr. dr. Simões Barreiros.

Foi submetido à aprovação o relatório da gerência do ano corrente, plano de actividade da Câmara para o ano de 1941 e bases do novo orçamento, que foram aprovados.

Em 23 de Outubro próximo passado completou mais um ano de existência aquele nosso colega, semanário regionalista que se publica na vila do Barreiro e ao qual desejamos uma longa vida cheia de todas as prosperidades.

Grémio do Comércio do Concelho de Figueiró dos Vinhos

Como publicámos no nosso último número, tomou posse no próximo passado dia 29, a comissão directiva do Grémio do Comércio deste concelho.

A' hora marcada, 21, compareceram no edificio da Associação Commercial e Industrial, agora transformada em Grémio, a Comissão Directiva composta pelos srs. José Manuel Godinho, Francisco Rodrigues Ferreira e Juvenal Augusto Mendes. E como representante do I. N. T. e P. o sr. dr. Manuel Simões Barreiros, presidente da Câmara e procurador à Câmara Corporativa.

Na sala viam-se muitos associados e o antigo presidente da Assembleia Geral.

Assumiu a presidência o sr. dr. Simões Barreiros, que convidou para secretários os srs. dr. João Deniz de Carvalho, Arcipreste padre António Inglez e José Gragêra de Paula Abreu.

Em seguida e depois de aberta a sessão, foi lido o acto da posse, tendo o sr. presidente proferido palavras de louvor para cada um dos membros da direcção, salientando a satisfação que sentia por lhe ser dada a honra de dar posse àquela comissão da qual faziam parte três elementos marcantes no comércio de Figueiró dos Vinhos.

O sr. José Manuel Godinho, decano do nosso comércio, é uma relíquia que ainda nos resta do comerciante sério e honrado. As suas qualidades de acção, trabalho e honradez, são exemplos a apontar aos novos; o sr. Francisco Rodrigues Ferreira, que começou do nada, hoje possui uma das melhores casas do país, que honra sobremaneira a nossa terra e quanto às suas qualidades de trabalho e carácter, bem merece o nosso respeito e melhor consideração; e finalmente o sr. Juvenal Augusto Mendes, um novo, cheio de vontade a quem não faltam qualidades para ser um comerciante marcante no meio.

Depois, esplanou-se sobre o significado do acto, demonstrando que a transformação de Associação Commercial e Industrial em Grémio, nada mais representava do que a integração deste organismo na nova organização do Estado Novo.

Sendo a nossa Constituição baseada na organização corporativa, não fazia sentido que a Associação Commercial, força viva e marcante do meio se pusesse à margem ou indiferente ao que determina a nova Constituição.

Fez pois muito bem tomar tal resolução.

Aqui poderá agora o comércio defender melhor os seus direitos, resta apenas saber compreender as suas funções.

Depois de exortar todos a traba-

RELAÇÕES DE AMIZADE LEAL

A Exposição das Recordações Portuguesas em Espanha instalada nos claustros dos Jerónimos, tem provocado a mais viva e afectuosa curiosidade. A Espanha deu-nos assim uma prova mais da sua consideração e estima e trouxe-nos com a mais delicada gentileza a demonstração sincera de um estreitamento de relações de harmonia com amizade estabelecida nos recentes tratados e ainda com aquela amizade fraterna que une naturalmente os dois povos peninsulares e que só um afastamento ou desconfiança infundada traziam amortecida.

As relações de intimidade entre os dois povos, o conhecimento mais exacto e profundo das duas nações irmãs, só podem contribuir para um mais sentido respeito e defesa dos seus direitos próprios, da sua soberania e independência; quanto mais se conhecerem e estimarem, mais se respeitam e reconhecem a legitimidade dos seus direitos e interesses, mais firme propósito existe de lealmente estabelecerem um convívio útil, como que uma natural aliança, já tantas vezes verificada com o caminhar dos tempos.

Portugal deseja uma Espanha feliz forte e amiga, como a Espanha deve desejar um Portugal forte, progressivo e amigo; só assim, baseando neste preceito essa estima, pode existir um justo e harmónico entendimento, que é na vida mundial um elemento poderoso de paz, de ordem e, ainda hoje de civilização e progresso.

Os dois povos peninsulares têm páginas idênticas de glória no espalhar da sua Fé da sua civilização. A obra gigantesca e gloriosa da Península, o papel que desempenhou com brilho e valor únicos e admiráveis, só poderia ter sido realizado com uma absoluta independência de vontades e soberanias, em horas de felicidade e grandeza das suas nações, que para bem caminharem e se engrandecerem necessitaram sempre manter uma independência de acção e de soberania, que permitisse a expansão do génio e virtudes próprias e naturais.

Portugal e Espanha para se estimarem e servirem necessitam possuir aquela independência que caracteriza e anima as verdadeiras nações, cuja grandeza, glória e valor, assentam na própria liberdade.

A amizade luso espanhola, tão necessária como útil aos dois povos, tem como condição o respeito dos seus legítimos direitos. Nunca as duas nações estiveram tão afastadas como quando as circunstâncias de uma política errada tentou uni-las pela força. A sua força só é e pode ser considerável quando as aproxima uma natural e leal amizade capaz de todos os sacrificios na defesa e integridade de cada uma.

lhar e cada vez mais, sob a Direcção do Chefe, homem superior de que a história há-de falar, terminou por desejar ao novo organismo, que tinha o prazer de inaugurar, as melhores prosperidades.

A seguir deu a palavra ao sr. José Manuel Godinho.

Começou por se dirigir com palavras de merecido louvor ao sr. Presidente, a quem o Figueiró renovado muito ou quasi tudo deve.

Depois fala na antiga Associação da qual foi sócio fundador.

Tem palavras de saudade para os mortos, palavras de agradecimento para os vivos.

Ouvido com a melhor atenção, espraia-se em consideração acerca

da nova orgânica que sofreu a sua Associação e promete cumprir fielmente o cargo que lhe foi confiado.

E sempre com entusiasmo, vigor e energia, que causa inveja a muitos novos ele pede que o acompanhem em 4 saudações.

Viva Carmona.

Viva Salazar.

Viva o sr. Sub-Secretário das Corporações e finalmente o nosso Grémio.

Os oradores foram no final muito cumprimentados.

A seguir foi oferecido um esplêndido copo de espumoso, tendo dado ocasião a muitos brindes, o qual decorreu no melhor entusiasmo nacionalista.

Conheçamos a Vossa e a Nossa Terra...

(De Ourique a Guimarães, às crianças do concelho e do Império)

Leiria, assenta numa luminosa e luxuriante planície, trepando um pouco encostas dos outeiros e dum monte encimado pelo castelo.

Afonso Henriques conquistou o castelo de Leiria, aos moiros, em 1134. No ano seguinte reconstruiu-o cercando-o de murallas. Construiu-lhe torres e um baluarte.

Junto da fortaleza começou a edificar-se ou a reedificar-se a nova povoação, que veio descendo o monte.

Dentro da fortaleza se construiu, por determinação de Afonso I, uma igreja dedicada a Santa Maria da Pena ou da Penha, depois, Santa Maria do Castelo.

Perdeu-se em 1140. Depois, conforme a sorte das armas, andou na posse dos moiros e na dos portugueses até que D. Sancho I, em 1195, conquista definitivamente o castelo.

D. Afonso Henriques elevou-a à categoria de vila, em 1742. D. João III, em 1545 elevou-a a cidade; em 15-12-1547, a sede de bispado.

Hoje é capital de distrito, provincia da Beira Litoral, cuja sede é Coimbra.

Pombal, o senhorio do extremo território foi dado por D. Afonso Henriques à Ordem dos Templários em 1160, com a condição de mandar aqui fazer um castelo.

D. Gualdim Pais, mestre da Ordem, residindo habitualmente em Tomar, mandou proceder às obras do referido castelo num monte próximo do rio Arunca. A ponte estendia-se a extensa planície inculta.

Com o inicio da construção do castelo começou na encosta do pequeno monte a nova povoação.

D. Gualdim Pais, em 1174, deu-lhe foral.

O castelo concluiu-se só em 1181, levando uns 20 anos a fazer. Nele se criaram muitos e belos pombos. Do afamado pombal veio o nome para a terra que em breve progrediu. Feito o castelo, Gualdim Pais dá aos seus moradores e à nascente povoação carta com mais privilégios.

No reinado de D. Diniz, com a extinção da Ordem dos Templários, passou para a Ordem de Cristo.

D. Manuel I, parece, reconstruiu o castelo; deu, em Lisboa, novo foral à vila.

Teve a vila três matrizes.

1.ª Santa Maria do Castelo, onde os paroquianos eram baptizados; 2.ª S. Martinho, onde casavam; 3.ª S. Pedro, onde se enterravam.

O relógio da vila esteve muito tempo numa torre no Outeiro das Maias.

Foi nesta vila que Sebastião José de Carvalho e Melo, o célebre ministro de D. José, passou os últimos dias, e faleceu a 8 de Maio de 1782. O 1.º conde de Oeiras e 1.º marquês de Pombal, havia nascido em Lisboa, a 13 de Maio de 1699.

O cadáver do marquês esteve depositado na antiga Igreja de Nossa Senhora de Jerusalem ou do Cardal, desde o falecimento, 1782; até 1810. Então, mãos estranhas, não patricias, arrombaram-lhe o túmulo e dispersaram os ossos!... Religiosamente foram juntos e guardados na igreja. Em 1856 foram mandados transferir para Lisboa.

A vila, a Nação, mandou erigir-lhe um monumento, no antigo Largo do Cardal, que foi inaugurado

Agua vai RECONSTRUÇÃO

Eis um dito que é preventivo e representa um acto que não é dos mais aceitáveis. E' atirar com água fora que tanto pode ser limpa como suja e que muito pode aborrecer áqueles sobre os quais cair. E' com este pequeno cabeçalho que iremos dizendo coisas que a bondade duns e doutros nos for permitindo.

Agua vai. Desta vês agua vai é sobre o que penso a respeito das relações que devem existir entre Castanheira e Figueiró. Em parte alguma podem ser melhores do que entre as duas povoações.

Qualquer delas tem vida própria, perfeitamente diferentes no seu modo de ser. Uma tem por natureza necessariamente de viver da sua agricultura e do seu comércio, qualquer delas de certa importância e tal que lhe permite viver desafogadamente e até de progredir, como de facto. Figueiró prospera e por si vive bem.

Castanheira tem de viver quasi exclusivamente da sua industria que a outra não pode ter porque a natureza não deixa.

Consequentemente se os interesses não colidem já temos o melhor factor para desviar rivalidades, que são sempre causa máxima de inimizades. A Castanheira progride e pode caminhar e caminha sem encontrões a ninguém.

Basta olhar bem para estes factos que são absolutamente verdadeiros, para uma convicção segura de que as duas povoações podem viver na mais pura e santa amizade.

A amizade para sar amizade tem de ser de sacrificios mutuos, porque a amizade de laraxas é fraca amizade.

Nas pretensões e modo de ser de Figueiró, quando isso se torne preciso, deve a Castanheira cooperar e reciprocamente deve Figueiró cooperar com a Castanheira nas pretensões e modo de ser que sejam justas e de utilidade geral.

Não podem viver uma sem a outra. Que o digam os seus esplêndidos armazéns.

Despeitos, receios infundados, tendenciosas emulações nunca deram bom pão.

Lancem-se os seus dirigentes no propósito de boas relações, pratiquem serviços de abnegação reciproca e veremos as duas povoações ao lado uma da outra como duas boas irmãs.

João de Cima

Joaquim Lourenço de Campos

A fim de tomar parte no Concelho Municipal, esteve nesta vila, o nosso amigo sr. Joaquim Lourenço de Campos, digno professor em Campêlo, e o sr. Adelino José Lopes, presidente da Junta de Aguda.

Também cumprimentámos o sr. José Jorge Carreira, da Lomba da Casa.

em 8 de Maio de 1907, com assistência do Governo, das entidades officiaes e muito povo.

Em Março de 1811, próximo da vila, travou-se um grande combate. Os vencedores, os franceses, sequearam e incendiaram a vila. Veio depois, 1833, a colera mcrbus. A vila decaiu.

Com a inauguração da Estação do Caminho de Ferro, 1855; e a construção das estradas de Ancião, 1875, do Lourçal, 1875, e de Vila Nova de Ourém, Pombal levantou-se e progrediu novamente. E' continua!

A sua situação é esplendida.

(Continúa) Junho, 1940

Domingues

Vai soar, enfim, a hora das realizações: ao ruído infernal da demolição vai seguir-se naturalmente o ruído celestial da reconstrução.

Ou, de contrario, a horrenda carnificina teria sido apenas um pretexto para desabafar ódios acumulados e ambições nascentes.

Com effeito, as duas últimas grandes guerras vieram mostrar bem como a ausência de principios, a baixeza de processos e a mesquinhhez dos ideais trazem inevitavelmente consigo a desordem das ideias, a dissolução dos costumes e o enfraquecimento dos poderes.

Para emendar o passado e prevenir o futuro há, p' is, um certo número de axiomas a consagrar como condições basilares duma sólida transformação económica e mental.

O primeiro e o mais imperioso é que a cada um seja assegurado o substancial para a sua manutenção: pão para a boca, veste para a nudez, abrigo para a recolha.

O luxo ou o superfluo, como elemento compensador do maior esforço, só será legitimo ou menos odioso, depois que cada um, por um trabalho assegurado ou por uma assistência garantida, possua o essencial para a satisfação das suas necessidades primordiais.

Na remuneração do trabalho normal deve atender-se ao custo da vida, seja qual for a profissão, arte ou officio, quer subindo os ordenados e salários até aos preços quer baixando os preços até aos ordenados e salários.

Sem o que nunca haverá sossego na terra, os ódios continuarão a crescer e as guerras a multiplicar-se. Até ao dia em que já não houver quem esteja disposto a tirar as castanhas do lume para os outros as comerem.

Dias Ferreira

(Do «Diário de Lisboa»)

CARTEIRA

Estiveram na nossa redacção os nossos amigos e assinantes srs. Alfredo Coelho da Fonseca, funcionário do Banco de Portugal, em Lisboa e Abílio Dias de Carvalho, das Várzeas. Agradecemos os seus cumprimentos.

Para os pobres cancerosos

Realizou-se no passado dia 2 de Novembro, nesta vila, um pedatório a favor dos Cancerosos Pobres, levado a effeito por um grupo de gentis meninas, alunas da Escola Secundária da Câmara Municipal, cujos nomes indicamos com as respectivas quantias que foram entregues na Secretaria da Câmara Municipal deste Concelho: Mademoiselles Elisa Maria Thomado Machado, 105\$00; Maria Engrácia dos Reis, 98\$80; Maria Isolina Barreiros, 68\$00; Maria de Lourdes Sucena, 57\$80; Recardina de Assunção, 52\$45; Maria Isabel Agria, 52\$00; Maria dos Anjos Agria, 50\$00; Maria Alice Abreu, 48\$30 — o que prefiz um total de 532\$25 (quinhentos e trinta dois escudos e vinte cinco centavos, os quais foram enviados pela Câmara Municipal à Comissão de Iniciativa Particular de Luta contra o Cancro, por cheque n.º 005582, sobre o Banco Espírito Santo e Commercial de Lisboa, com a data de 4 de Novembro. Ao grupo das referidas e gentis meninas enviamos os nossos cumprimentos e protesto de admiração pelo acto que praticaram procurando minorar muitos e horripáveis sofrimentos.

Dia das Corporações

A fim de tomarem parte na reunião dos organismos corporativos que teve lugar em Lisboa, recinto da Exposição, foram à capital o sr. dr. Artur Nunes Agria, que representa o Grémio da Lavoura e o sr. José Gragêra de Paula Abreu, presidente da direcção da Casa do Povo.

Para visitarem a Exposição também foram a Lisboa os ex.ªs srs. dr. João Deniz de Carvalho, digno notário nesta vila, dr. Joaquim Fernandes e sua ex.ª Esposa, Alfredo Corrêa de Frias e sua filha a ex.ª sr.ª dr.ª Maria Bertha Corrêa de Frias, José Pedro dos Santos e o sr. José Gonçalves Ramos e suas ex.ªs Esposas.

Numero especial da revista "Turismo" dedicado a Leiria

Acabamos de receber mais um numero da excelente Revista «Turismo», que prossegue na obra de propaganda turística, dando o maior relevo aos melhoramentos realizados no País pelas suas Câmaras Municipais e Comissões de Turismo.

O Número publicado agora, de 70 páginas, constitui um valioso documentário do distrito de Leiria, inserindo as mais variadas e belas fotografias das paisagens, monumentos e praias da região.

Pode considerar-se este Número da Revista «TURISMO», um dos mais completos trabalhos de propaganda que se tem publicado sobre Leiria.

No texto incluem-se entrevistas: com os srs. Governador Civil do Distrito; Reverendíssimo Bispo da Diocese; poeta dr. Afonso Lopes Vieira e Presidente da Associação Commercial.

Entre a colaboração destacam-se produções literárias dos srs. Artur Fernandes, Jaime Lúcio, Julião Quintinha, Silvio Bastos, Padre Ferreira Tavares, dr. António Batoque, Luiz Teixeira, Roberto das Neves, Santana Quintinha, Paulino de Figueiredo, dr. Arnaldo Forte, Jorge Ramos e Rodrigues Laguna.

Trata-se duma publicação que muito honra e serve a causa do Turismo.

Aos proprietários e donos da exploração de lagares de azeite

A Junta Nacional do Azeite lembra aos proprietários e donos da exploração de lagares, que não laborem na safra de 1940/41 que é indispensável o pedido de isenção do pagamento da taxa que incide sobre as prensas, estabelecida pelo Decreto-Lei n.º 28.153, até ao fim do mês corrente. Este pedido pode ser feito em papel comum.

Em Fevereiro de 1941, os responsáveis pela exploração dos lagares deverão enviar um atestado, ou simples declaração da autoridade administrativa local ou do Grémio da Lavoura do concelho, devidamente autenticada, comprovando a não laboração do lagar na campanha de 1940/41.

Mais se informa que, atendendo à escassez da colheita, e á semelhança do procedimento adoptado para a campanha de 1938/39 por proposta da Junta Nacional

Correspondências

Chinguar 17 de Setembro

1940—No dia 15 do corrente mês, houve na Escola Primária n.º 50 de Sesinando Marques, um chá dançante, promovido pela direcção da Associação Beneficente e Recreativa, vendo-se 26 mesas lindamente enfeitadas e entre elas viam-se 2, uma sistema cesto, outra balcão, que estavam iluminadas a electricidade por baterias. As mesas foram lindamente enfeitadas pelas meni-do Chinguar.

Eram 16 horas quando foi servido o chá e deliciosas qualidades de doces, dançando-se até às 20 horas. Houve depois intervalo para ser servido o jantar às 21 horas e dançou-se animadamente até de manhã.

O baile foi aberto pelo ex.mo sr. Cordeiro e sua ex.ma esposa, professores da escola. Dançou-se ao som do Rádio do sr. Gouveia membro da Associação.

No dia seguinte, o digno professor Cordeiro, deu um baile aos seus alunos a onde lhes foram servidos doces.

Despedida

Manuel Luiz de Oliveira, impossibilitado de apresentar as suas despedidas a todas as pessoas, amigas, agradece as atenções que lhe dispensaram durante a sua estada nesta, oferecendo os seus pequenos préstimos em Gouveia.

a) Manuel Luiz de Oliveira

CASAMENTO

Na próxima passada terça-feira, realizou-se nesta vila o casamento do sr. Manuel Rosa Arinto, viajante da firma commercial desta vila Manuel dos Reis Arinto, com a menina Belmira Ferreira Dias.

Foram padrinhos por parte do noivo o ex.mo sr. Joaquim Estevão Rodrigues e sua ex.ma esposa D. Adriana Simões Rodrigues e por parte da noiva a sua irmã D. Maria Ferreira e seu marido Manuel Nunes Agria, que se encontram em Lisboa.

Aos noivos desejamos uma longa lua de mel.

Pagamento de assinaturas

Foram pagas na nossa redacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

José Vaz, Aldeia da Cruz
Manuel dos Santos Abrunheira, Fato—Avelar
Alfredo Coelho da Fonseca, Lisboa.
Manuel José, Douro

do Azeite, Sua Excelencia o Ministro da Economia autorizou que as taxas que incidem sobre as prensas instaladas nos lagares de azeite sejam reduzidas a metade, excepcionalmente para a futura safra.

Qualquer correspondência deve ser dirigida para a Junta Nacional do Azeite, Rua Rodrigo da Fonseca, 15—2, Lisboa.

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS
1.ª Publicação

Faz-se saber que no dia 5 de Dezembro próximo, pelas doze horas à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vai à primeira praça para serem arrematados por qualquer preço além do abaixo indicado, o direito e acção a seguir discriminado, penhorado nos autos de execução por custas e selos, que o digno Agente do Ministério Público nesta comarca move a Placide das Dores e marido Manuel Henriques da Costa, actualmente residentes na Quinta das Pontes—Espinhal—, a saber:

O direito e acção a um nono que os executados tem nos dois prédios seguintes

1.º—Uma terra de sementeira com uma barraca terrea, sita no lugar do Caramelheiro, desta freguesia, confinando do nascente, poente, norte e sul com Manuel Pimenta da Silva. Descrita na Conservatória sob o n.º 30.021 e inscrita na matriz sob o artigo 1.371.

2.º—Uma terra de sementeira de rega sita no mesmo lugar do Caramelheiro, partindo do nascente e sul com Manuel Pimenta da Silva, poente e norte com herdeiros de António Bispo. Descrita na Conservatória sob o n.º 30.022 e inscrita na matriz sob o artigo 1.720.

Vai este direito e acção à praça no valor de 58\$66
Secretaria Judicial de Figueiró dos Vinhos, 4 de Novembro de 1940.

O chefe da 2.ª Secção
Joaquim José da Conceição Júnior
Verifiquei a exactidão
O Juiz de direito
Themudo Machado

Jornal «A Regeneração»—N.º 519
9 de Novembro de 1940.

Abilio da Conceição Rodrigues

Advogado Tel. 40

Castanheira de Pera

Em PEDRÓGÃO GRANDE: tódas as segundas-feiras até ao meio dia

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

Editos de 30 dias

1.ª publicação

Faz-se saber que correm editos de trinta dias, citando o requerido Victor António Pinto, casado, residente em Aljustrel, comarca de Beja, com o seu último domicilio na Figueira, para no prazo de cinco dias, findo que seja o dos editos, e a contar da segunda e última publicação do respectivo anuncio, contestar, querendo, o pedido de assistência judiciária requerido por sua mulher Maria da Encarnação, da freguesia, a fim de contra aquele seu marido requerer a competente acção de divórcio litigioso.

Figueiró dos Vinhos, 25 de Outubro de 1940.

O Secretário
Jaime Ribeiro Sucena
Verifiquei a exactidão
O Presidente da Comissão de Assistência Judiciária.
Lacerda e Costa

Jornal «A Regeneração»—N.º 519
9 de Novembro de 1940

**AUTO-INDUSTRIAL, L. DA
COIMBRA**

4 Garagens de Recolha—3 Estações de Serviço—Lavagem—Lubrificação Especializada
SERVIÇO PERMANENTE

Avenida Navarro, 36—SEDE Avenida Navarro, 45—Garagem Luzitana

Avenida Sá da Bandeira, 104 — Garagem Santa Cruz

Nova Garagem da Avenida Fernão de Magalhães

Com grandes oficinas de reparações mecánicas. Electricidade—Pintura—Segeiro—Estofador—Bate-chapas Banca de provas para afinação e reparação de motores a óleos pesados. Aparelhos de grande precisão para análise científica de todos os órgãos eléctricos dos motores.

Aparelho hidráulico para desempenho rápido de carroçarias.

Rectificador de cambótas — Aparelhagem para rectificar e encamisar cilindros. Execução rápida e perfeita.

Pronto-Socorro privativo das oficinas

Todos os acessórios para o automobilismo. Distribuidores exclusivos em Portugal das peças legítimas CHEVROLET da General Motors Company — Grande stock de peças—Opel—Blitz—Bedford — Oldsmobile — Vauxhall e G. M. C.

Depositários dos pneus Dunlop e Michelin

Telefones — 58 — 614 — 941 — P. B. X.

6.1

Estações de serviço autorizadas, do Automóvel Club de Portugal

Joaquim J. Fernandes

Medico Municipal

Clínica geral
Doenças das crianças

Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira

Médico da Casa do Povo

Doenças de Pulmões — Partos

Clinica Geral

— Consultório e residência: —

Praça José Malhoda.

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS
(2.ª Publicação)

Faz-se saber que no dia vinte e um do próximo mês de Novembro, pelas doze horas à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vai à primeira praça para ser arrematado por qualquer preço oferecido além do indicado o prédio abaixo descrito e penhorados nos autos de execução por custas e selos que o digno agente do Ministério Público na comarca de Agueda move a António de Abreu e mulher Maria Narciza, do lugar do Nodeirinho, desta comarca de Figueiró dos Vinhos. Prédio a pracear

Uma morada de casas, sita no Nodeirinho, que confronta do nascente e norte com José Simões, poente com Manuel Rodrigues e sul com a estrada descrito na Conservatória respectiva sob o n.º 30.020 e inscrito na matriz sob o art.º 585. Vai à primeira praça no valor de mil seiscentos e vinte escudos (valor matricial) 1.620\$00 Figueiró dos Vinhos, desasseis de Outubro de 1940

O chefe da 1.ª Secção
Jaime Ribeiro Sucena
Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito
Themudo Machado
Jornal «A Regeneração» n.º 519 de 9 de Novembro de 1940



Agência de passagens e passaportes

DE

António Rodrigues

Legalmente habilitado pelo distrito de Lisboa

Vende passagens para toda a parte do mundo. Assim como trata de todos os documentos de embarque e militares e tira passaportes

Todas as pessoas que desejem embarcar para qualquer parte, devem procurar esta agência porque é a que mais barato vende passagens e com mais seriedade e rapidez trata de toda a documentação e responde a toda a correspondência

12-2

Travessa Nova de S. Domingos, 16, 1.º-E. — LISBOA
(A' Praça da Figueira) Telefone 27998

Anúncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS
(1.ª publicação)

Faz-se saber que no dia cinco de Dezembro, próximo futuro, pelas doze horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca de Figueiró dos Vinhos, vão à primeira praça, para serem arrematados por qualquer preço oferecido além do indicado, os prédios abaixo descritos e penhorados nos autos de execução hipotecária em que são exequente Manuel Lopes Quintas, casado proprietário, residente em Lomba da Casa e executados Bernardina Rosa Caetano, marido e outros, do Cercal.

PREDIOS A PRACEAR

Metade de uma terra de sementeira de rega sita à Cova, limite do Cercal, parte do nascente com a ribeira, poente com o caminho, norte com Francisco Caetano Júnior e sul com Clementino dos Santos, inscrito na matriz sob os artigos 10.449 e 10.450, e vai à praça com o valor matricial de 316\$80

Um talho de terra de sementeira de rega na Cova, mesmo limite, parte do nascente com a barroca poente e sul com Joaquim Domingos e norte com Francisco da Silva, inscrito na matriz sob o artigo 10.442 e vai à praça no valor de 4\$40

Um talho de terra de sementeira de rega e seca, no mesmo sitio e limite a partir do nascente com Bernardina Maria poente com a parede, norte com a barroca e sul

com herdeiros de Manuel Matias Jorge, inscrito na matriz sob o artigo 10.440 e vai à praça no valor de 651\$20

Um talho de terra com oliveiras no mesmo sitio e limite a partir do nascente com Albino Saraiva, poente com Bernardina Maria, norte com herdeiros de Domingos Saraiva e sul com herdeiros de António Jorge Carreira, inscrito na matriz sob o artigo 10.510 e vai à praça no valor de 259\$60

Um talho de terra com oliveiras, no Cercal partindo do nascente com a parede, poente com o caminho, norte com Manuel Matias Jorge e sul com Manuel António, inscrito na matriz sob o artigo 9.903, com o valor de 74\$80

Um talho de terra com oliveiras no Cercal, partindo do nascente com Josefa Domingos, poente, norte e sul com o caminho, inscrito na matriz sob o artigo 9.929 e vai à praça no valor de 365\$20

Uma morada de casas terreas com pateo e quintal no Cercal, a partir do nascente e poente com a estrada, norte com Manuel Simões Rosinha e sul com herdeiros de Manuel Domingos, inscrito na matriz sob o artigo 465 e vai à praça no valor de 340\$00

Uma terra com oliveiras à Vinha, limite do Cercal, a partir do nascente com Manuel da Silva, poente com herdeiros de José Saraiva, norte com herdeiros de Manuel Saraiva e sul com Augusto Dias, inscrito na matriz

João Leal da Silva Tendeiro

Médico Veterinário Municipal

Clinica Geral

Operações e Vacinações

Figueiró dos Vinhos

sob o artigo 10.065 e vai à praça no valor de 101\$20

Uma terra com oliveiras às Botelhas, limite da Lomba da Casa, parte do nascente com Manuel Simões Rosinha, poente com herdeiros de Manuel Caetano, norte com herdeiros de Manuel da Silva e sul com a parede, inscrito na matriz sob o artigo 10.222, e vai à praça no valor de 110\$00

Uma terra de sementeira e mato na Lomba da Casa parte do nascente com as fragas, poente, norte e sul com a estrada, inscrito na matriz sob o artigo 12.016, vai à praça no valor de 396\$00

Terra de sementeira de seca às Lameiras, parte do nascente com a parede, poente com a estrada, norte com Rosa Maria e sul com António Curado, inscrito na matriz sob o artigo 9.609 e vai à praça no valor de 585\$00

Uma tojeira ao Carvalho, parte do nascente, poente e sul com as fragas e norte com herdeiros de Manuel Domingos, inscrito na matriz sob o artigo 15.444 e vai à praça no valor matricial de 39\$60

Um talho de terra de sementeira de rega à Cova, parte do nascente com a barroca, poente com Joaquim Domingos, norte com herdeiros de Manuel Matias Jorge e sul com Francisco da Silva, inscrito na matriz sob o artigo 10.445, vai à praça no valor de 325\$60

Todos estes prédios estão descritos na Conservatória do Registo Predial no livro B-72 respectivamente sob números 28.409, 28.410, 28.411, 28.412, 28.413, 28.414, 28.415, 28.416, 28.417, 28.418, 28.420, 28.421 e 28.422.

Figueiró dos Vinhos, sete de Novembro de 1940.

O Chefe da 1.ª Secção
Jaime Ribeiro Sucena
Verifiquei a exactidão.

O Juiz de direito
Themudo Machado
Jornal «A Regeneração»—N.º 519
9 de Novembro de 1940

MOSAICO

A-propósito de uma creança que foi vítima das mulheres de virtude dizia há tempos a sr.^a D. Marta Mesquita da Câmara («O Primeiro de Janeiro» de 18-IX-940): «De duas, uma: ou se acabam as mulheres de virtude e os pseudo-médicos, se ou educa o povo. Ora como a segunda parte é impraticável-sobre tudo pelo que diz respeito à higiene e à responsabilidade materna-contraria a qual se cometem verdadeiros crimes de inconsciência e de ignorância, a primeira parte deveria ser sanada pela raiz» etc., etc.

E nós a julgamos que era coisa praticável a educação do povo! Como nós somos ignorantes! O quereria a sr.^a D. Marta dizer «indesejável»?...

Uma sr.^a minha conhecida dizia-me há dias: «O sr. que não quer acreditar em certas coisas, ouça lá esta que foi passada no mesmo prédio em que eu habitava. Uma senhora atraçou o marido e este, vindo a sabê-lo, como era natural abandonou-a. Ela porém não se conformou, não pela falta do marido mas pela falta da mensalidade que este lhe costumava dar. Depois de várias pesquisas, conseguiu saber que havia no Algarve uma mulher de virtude que era capaz de trazer ao lar abandonado o transviado marido. A seguir a uma troca de cartas a mulherzinha lá veio a caminho de Lisboa (o caso passou-se em Lisboa), contratada por 300\$00 por mês. Os trabalhos de «captação» começaram imediatamente. Foi mandado vir um coração de carneiro, agulhas e as respectivas linhas. A meia noite em ponto começou a mulher de virtude o seu trabalho: atravessou o coração com um certo número de agulhas, coseu-o, ao mesmo tempo que ia fazendo certas rezas misteriosas e dava saltos pelo meio do quarto. Depois meteu o coração assim todo cravado de agulhas e cosido dentro de um frasco com álcool. Seguiu-se aquela prática por mais alguns dias, e qual não foi o meu espanto ao ver que o homem voltou para casa!»

Perante o meu sorriso de troça diz-me ela: «Não se ria porque foram coisas passadas à minha vista. Dou-lhe a minha palavra de honra que é verdade. Além disso o sr. ainda não ouviu o resto.»

Ainda mais!?—gritei eu.

«Passadas algumas semanas-continuou, a esposa infiel arranhou um amante que lhe dava o suficiente para se manter independente. O marido, portanto, já lhe não era necessário. Pois bastou tirar o coração de carneiro de dentro do frasco, desamarrá-lo e tirá-lhe as agulhas—e o homem nunca mais voltou a casa!»

Esforcei-me por convencer esta sr.^a de que a volta ao lar do marido atraído e depois o abandono definitivo teria obedecido a outras razões, que não às absurdas práticas com o coração de carneiro. Fiz-lhe ver os inconvenientes e os prejuízos que poderia causar com a divulgação de tal história. Pois haviam de ver o calor com que defenderam a «mulher de virtude» e as suas tretas! Nada a convenceu do contrário.

Portanto, e por muito que pese a sr.^a D. Marta, este problema não se resolve prendendo as «mulheres de virtude», se bem que concordemos em que tal se deva fazer. A sua solução integral só é possível depois do povo educado (como vê, continuamos a julgar praticável a educação do povo...), porque depois dessa tão necessária e urgente tarefa feita, e se por acaso ainda alguma «mulher de virtude» apparecesse, já não seria preciso prendê-la porque lhe faltariam as condições em que agora medram.

Comparando, podemos dizer que não é abrindo muitos sanatórios que se fará desaparecer a tuberculose, que mina o nosso povo, mas proporcionando-lhe um nível de vida elevado que lhe permita alimentar-se e limpar-se convenientemente.

Na verdade, a nossa terra é uma terra de «basbaques».

Há dias, um homem foi atropelado por um eléctrico. Felizmente para ele, nada sofreu além do susto. Toda a gente viu que o homem nada sofreu porque logo se pôs a pé e ficou sorridente. Porque motivo se começou a juntar povo em volta do homem, tendo de intervir a policia para desimpedir o trânsito? Porque não seguiu cada um o seu destino?

Também numa noite destas vi uma grande aglomeração de pessoas olhando para uma janela. Perguntei a um garoto do que se tratava. Distó, simplesmente: de um canário que tinha posto ao fresco da gaiola onde o tinham encarcerado e que se lembrou de ir ali pousar.

Para ver um canário, interrompe-se o trânsito numa rua!

Tem 50 anos, é solteiro e orgulha-se de nunca na sua vida ter entrado numa mulher. Tem um ordenado de 700\$00 mensais e gasta por mês 310\$00 em todas as suas despesas: comida, quarto, etc. Nem mais um tostão nem menos um tostão. Qualquer gasto que fizesse extraordinário—um café, um jornal, etc.—ir-lhe-ia alterar a conta que todos os meses vai meter no Banco. E ele quer que todos os meses aquela conta, «pelo menos», vá acrescentar o pecúlio que já monta a algumas dezenas de contos.

Não tem ninguém e daqui por poucos anos terá direito a uma reforma que lhe dará para viver comodamente. Mas o juntar dinheiro é para este indivíduo uma segunda religião. Digo «segunda» porque ele tem uma «primeira».

Orgulha-se da sua honradez, que nunca ficou com um centavo a quem quer que fosse. Por isso, como é um indivíduo recto, que só quer o que lhe pertence, não se envergonha de pedir meio tostão se a quem lho ficou a dever por motivo de contas. E' que só por este motivo e apenas em alguns centavos alguém lhe pode dever, porque emprestar não empresta um centavo seja a quem for.

Há tempos, um companheiro de trabalho vendo-se atrapalhado por motivo de doença, pediu-lhe que lhe emprestasse certa importância que lhe pagaria em prestações durante três meses. Disse-lhe mais que se lho não emprestasse se veria obrigado a empenhar alguns objectos de estimação. Pois não se comoveu perante a angústia do companheiro, que deixara a mulher em casa à espera dos medicamentos para se tratar. Que não emprestava, que tinha feito uma jura de não emprestar dinheiro.

Bem sabia que o companheiro era pessoa séria, incapaz de lhe ficar a dever um tostão que fosse, que tinha por ele muita consideração mas que tivesse paciência, que fosse empenhar os objectos porque ele não lhe podia valer.

E' que eu sou uma pessoa muito séria—dizia ele—e quero estar sempre bem com a minha consciência. Não quero nada de ninguém nem que ninguém me peça nada. Assim, estou descangado, deito-me a cantar e levanto-me a cantar.

Deus bem sabe que, todos os dias, sempre que me sento à mesa para comer me lembro daqueles que têm fome. Quantos há que nunca se lembram que há pessoas que

A cidade de hontem e de amanhã

«Como se construíam outrora as cidades? No centro estava colocada a fortaleza, a parte fortificada. Em redor, uma cintura de mercados, lojas, officinas, o bairro do artesanado e do comércio. Depois, com o aparecimento da era das máquinas, a cidade foi cingida por um terceiro anel, o bairro das fábricas. E entre as lojas, os mercados e as fábricas erguiam-se as casas de habitação: as melhores no centro e as piores na periferia.

As cidades novas não serão construídas assim. O coração das cidades novas não será a fortaleza ou o mercado, mas a fábrica ou a central electrica. Em redor de cada grande central electrica, em volta de cada grande fábrica ou complexo de fábricas, surgirá uma cidade. O coração da cidade separar-se-á dos bairros habitados por uma muralha verde de parques. Esta muralha verde protegerá a cidade do fumo e da fuligem proveniente da chaminés das fábricas.

Quando aos bairros da cidade, todos eles estarão dispostos de forma diferente. Avenidas em forma de estrela, irradiarão duma praça central para todos os lados.

As casas não estarão alinhadas como soldados, todas com as fachadas do mesmo lado. Cada casa estará voltada para o sol a fim de captar a maior quantidade possível dos seus raios. As casas brancas das escolas, bibliotecas, hospitais, serão rodeados de canteiros com flores. Gigantescos parques verdes, acompanharão o transeunte até à entrada: pinheiros, tilias, carvalhos. O canto alegre dos pássaros e o murmúrio prolongado, tranquilo, animado das árvores, eis o que se ouvirá nas ruas da cidade nova em vez do alarido, do barulho e do tumulto. E' que não se verá nas ruas essa balbúrdia de pessoas afadigadas, ocupadísimas, não se ouvirá esse ruído que fatiga os actuais habitantes da cidade.

Os locais administrativos, as escolas, os clubes, etc., estarão situados longe das moradias porque onde vivem as pessoas é necessária a paz e a tranquillidade. O trânsito nas ruas será diminuído. Não existirão as cidades colossais de hoje; 100.000 habitantes já será muito para uma cidade futura.

Cada nova cidade do futuro, não será senão uma colónia de trabalhadores junto dum complexo industrial ou agricola e estes complexos serão distribuídos sobre o conjunto do país, conforme a distribuição das matérias primas.

Eis como se construirão as cidades. Mas o campo, qual será a sua fisionomia no futuro?

Não existirão as campinas povoadas. O trigo, a carne, o leite serão produzidos em fábricas especiais. Em redor de cada uma destas fábricas agricolas, construir-se-ão outras fábricas de produtos alimentícios, de farinhas, de conservas, frigoríficos, matadouros de galo, etc. E essas fábricas serão solidárias entre si. Também constituirão complexos, não industriais mas agricolas. E em

Assistência Judicial Centros de Consulta Jurídica

Entre as muitas instituições que nos últimos anos têm sido criadas na Alemanha, é digna do nosso maior interesse o que diz respeito à consulta jurídica social. Tem esta instituição, como finalidade, o defender os direitos das classes menos privilegiadas, que não dispõem de proventos suficientes para pagar os honorários dos advogados. Berlim possui vinte centros de consulta jurídica. Em cidades de inferior categoria, encarrega-se desta missão um advogado pertencente às organizações políticas alemãs. O funcionamento destes centros é efectuado sem grandes formalidades e dentro duma verdadeira assistência. A maior parte dos clientes que se apresentam a consulta, são trabalhadores, pequenos proprietários e artífices. Não se verifica de antemão, se estes clientes são necessitados. Quem recorre à assistência publica é aceite sem complicações de ordem burocrática. Um membro da Associação dos Advogados atende gratuitamente os centros de consulta. O visitante é tratado como um cliente particular. A secretaria do centro de consulta jurídica organiza imediatamente um processo, de carácter privado, e promove o envio de toda a correspondência tendente à solução do assunto, pelas melhores vias. Se o caso é de certa importância e implica uma decisão dos tribunais, o centro de consulta encarrega por sua voz um outro advogado que encaminhará o assunto e que obterá, tão rápida quanto possível, aquilo que em Portugal se intitula «assistência judicial». E a causa será então defendida, embora gratuitamente, como a de qualquer cliente particular. Durante o decorrer do processo, o «assistido» terá um contacto permanente com o Centro de Consulta Jurídica.

Durante as horas de consulta poderão ali ser observadas, melhor do que em qualquer outra parte, as sérias preocupações da gente simples. 60% das questões, de que se ocupa o centro de consulta, dizem respeito a aluguer de habitações e rendas de casa; 28% a assuntos matrimoniais e à obrigação do homem de promover o sustento de sua familia. O resto corresponde a diversíssimos géneros de questões, como incidentes variados, assuntos pecuniários, etc. O número de casos de direito penal é muito reduzido; quem cometeu um delito não pode invocar a protecção do Centro de Consulta. O facto de que é só 20% a, aproximadamente, dos casos apresentados, sejam levados, pelos advogados, a tribunal, demonstra bem a importância que tem esta instituição social para o público em geral, que sem ella não conseguiria fazer prevalecer os seus direitos por falta de meios.

redor dos complexos surgirão igualmente cidades, cidades agricolas.

Deixar, pois, de haver qualquer diferença entre a cidade e o campo.

Ilino

Aos Editores

Faremos referência critica a todos os livros de que nos for enviado directamente um exemplar, independentemente das ofertas pessoais.

Toda a correspondência referente a este Boletim deve ser remetida para: João Tendelro — Figueiró dos Vinhos

passem fome? Eu, já que nada lhes dou ao menos lembro-me deles, e Deus bem sabe com que compaixão o faço! Porisso estou certo de que, se há pessoas para quem Deus tem lá no outro mundo um lugar reservado para os seus eleitos, para aquéles que neste mundo não prejudicarem ninguém, eu sou uma delas.

Tenho estudado este indivíduo e posso afirmar que se trata de uma pessoa de «boa-fé» quero dizer, que não é assim, por cálculo ou por espreiteza e cre piamente que é uma pessoa de bem, uma boa pessoa.

Outra qualidade que lhe tenho notado é o seu horror à mentira. Se qualquer dos Chefes lhe perguntar alguma coisa a respeito de qualquer outro funcionário, por exemplo se está a trabalhar ou não ou se, numa fugida, dá uma passagem pelos títulos do jornal, elle é incapaz de mentir: diz o que o dito funcionário realmente está fazendo. E' que, no dizer dele, quer ter a consciência limpa de todo o pecado!

Estou para mim que, se fosse policia este indivíduo seria um perfeito Javert—a magistral criação de Victor Hugo!...

Reinaldo Batista Gusmão